

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 18

# HISTÓRIA • MEMÓRIA • NAÇÃO



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1996

REVISTAS UNIVERSITÁRIAS DE HISTORIA NO PORTUGAL  
DO SÉCULO XX\* \*\*

*"Historical journals began as part of the modernist project and modern national consciousness. [...] history was a science and the nation its laboratory".*

David Ransel()

E corrente atribuir a um lente de *Direito Romano* dos finais do século passado uma daquelas "boutades" tornadas célebres por um

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

\*\* Comunicação apresentada na mesa-redonda sobre *Revistas de História* (coord. M<sup>a</sup> Helena C. Coelho), no âmbito dos *Estudos Gerais da Arrábida* (Convento da Arrábida, 30 e 31 de Outubro de 1995). [Para mais esclarecimentos sobre este, veja-se, nesta Revista, "Encontro - Revistas de História", na Secção "Actividade Científica"] De acordo com o critério estabelecido com a organização, não se abordam as Revistas de *História* editadas por Universidades privadas nos anos 80 e 90, as quais ficaram a cargo de outro interveniente: o Prof. Doutor Francisco da Silva. Agradeço às Prof<sup>as</sup> Doutora M<sup>a</sup> Helena C. Coelho e Doutora Leontina Ventura e à Dr<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Rita L. Garnel os elementos bibliográficos que me facultaram durante a elaboração deste texto.

0) "The Present and Future of Historical Journals", in *XVIII<sup>e</sup> Congrès International des Sciences Historiques/18th International Congress of Historical Sciences - 1995: Actes/proceedings. Rapports, résumés et présentation des tables rondes/Reports, Abstracts and Introductions to Round Tables*, ed. Claude Morin, Montréal, Comité International des Sciences Historiques/International Committee of Historical Sciences, 1995, pp. 501-02.

memoralismo ao estilo do *In Illo Tempore*, ainda que nas mais das vezes não ultrapassando a oralidade: "O Direito começou por não existir". Parafraseando, poderíamos afirmar que, com efeito, criado o Ensino Superior da *História*, as Revistas universitárias da especialidade começaram por não existir. Mais: levaram bastante tempo a surgir. Mas se responsáveis houve por tal situação, não terá certamente sido o legislador de 1911<sup>(2)</sup>, que, ao criar as Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e de Lisboa, nelas incluiu a *História* como 4º Grupo de Disciplinas, bem como a licenciatura de quatro anos em *Ciências Histórico-Geográficas*. De facto, o "Plano de Estudos das Faculdades de Letras", constando de um decreto com força de lei de 9 de Maio daquele ano, começava por prever (artigo 9º) três formas complementares de ensino: "lições magistrais", "trabalhos práticos" e "exercícios de investigação científica"; para iniciação à última daquelas formas de ensino, previa-se (artigos 15º e 16º) a existência de um *Instituto de Estudos Históricas*, com 3 secções *ÇHistória, Filosofia e Filologia*<sup>(3)</sup>. Por uma qualquer 'ironia do destino', os "Estudos Históricas" surgiam-nos como que a 'federar' a dupla componente *criação de saber/transmissão apoiada desse mesmo saber* em três áreas científicas de nem sempre muito fácil 'federabilidade'. Meses depois, a 19 de Agosto, o "Regulamento das Faculdades de Letras" vai mais longe: toda a Secção III ("Dos exercícios de investigação científica") consiste num relativamente longo somatório de 25 artigos (29º a 53º) sobre o funcionamento do referido *Instituta*<sup>(4)</sup>. É de realçar que o

(2) António José de Almeida, ministro do Interior do Governo Provisório da República, pasta de que dependia ao tempo o Sistema Educativo. Com efémeros antecedentes no século XIX, o Ministério da Instrução Pública apenas será definitivamente criado em 1913.

(3) *Diário do Governo (DG)*, nº 109, da mesma data. Transcrito em *A Universidade de Coimbra no século XX. Actas da Faculdade de Letras*, ed. Manuel Augusto Rodrigues, I. (1911-1925), Coimbra, Arquivo da Universidade, 1989, pp. XXXI-XLII, *maxime* XXXIII-XXXV. A vertente prático-investigativa do ensino aqui implícita era complementada pela criação de um *Laboratório de Psicologia* e de um *Instituto de Estudos Geográficos*, este último na dupla dependência das Faculdades de Letras e de Ciências.

(4) DG, nº 195, de 22 do mesmo mês. Transcrito em *A Universidade de Coimbra no século XX*, I, *cit.* pp. XLIII-LXXX, *maxime*, LVIII-LX. Sobre estas reformas cf. fundamentalmente: A. H. de Oliveira Marques, "Notícia Histórica da Faculdade de Letras de Lisboa", in *Ensaios de Historiografia Portuguesa*,

respectivo artigo 44º já previa a publicação no *Boletim da Universidade* dos "trabalhos dos alunos ou sócios" [do Instituto] "julgados dignos dessa distinção", regulamentando-se igualmente a tiragem de separatas<sup>(5)</sup>. Só que isto eram as intenções do legislador. Que distância terá havido entre *direito legislado e direito praticado*?

Aventuremo-nos um pouco pela história das duas Escolas de Ciências Piumanas criadas em 1911, ao longo das suas primeiras décadas de existência, concretamente até aos anos 30.

É 'da sabedoria das nações' que o enquadramento da *História* na Academia de Lisboa se não deu realmente sob os melhores auspícios. O grupo de *História* da Faculdade de Letras dava continuidade quase plena ao Curso Superior de Letras. E aqui os mestres de *História* só excepcionalmente foram investigadores e criadores: a bem dizer, o único caso é o de Luís Augusto Rebelo da Silva (1822-1871). Os restantes casos (v.g. um Augusto Seromenho (1834-1878) ou um Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910)) são fundamentalmente de *expositores e compendiaidores* (e, como tal, extremamente *eficazes*, sublinhe-se)<sup>(6)</sup>. Ora o primitivo Corpo Docente de *História* da Faculdade de Letras — parte do qual transitado do Curso — prolonga claramente estas características; e se não vejamos:

Lisboa, Palas, 1988, pp. 123-98; Joaquim Ferreira Gomes, *A Universidade de Coimbra durante a Primeira República (1910-1926). Alguns apontamentos*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1990, pp. 160-162 *et passim*, e João Paulo Avelãs Nunes, *A Histórica Económica e Social na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O Historicismo neo-metódico: a ascensão e queda de um paradigma historiográfico - 1911/1974* Lisboa, Instituto Educacional, 1995.

<sup>(5)</sup> Cf. *A Universidade de Coimbra no século XX*, I, *cit.*, pp. LIX-LX.

<sup>(6)</sup> Cf. por todos Sérgio Campos Matos, "O Curso Superior de Letras e a Vulgarização Histórica em Portugal: Projectos em Confronto (1858-1901)", in *Universidade(s): História, Memória, Perspectivas. Actas do Congresso "História da Universidade" (No 7º Centenário da sua Fundação)*, I, Coimbra, 1991, pp. 367-88; sobre manuais escolares de *História* na viragem do século XIX para o século XX, cf., do mesmo autor, *História, Mitologia, Imaginário Nacional: A História no Curso dos Liceus (1895-1939)*, Lisboa, Horizonte, 1990, *maxime* pp. 48 ss. É portanto um facto que, em matéria de criação de Ciência, o Curso foi francamente mais longe nos domínios da Literatura, da Etnografia, da Arqueologia e até da Psicologia e das incipientes Ciências da Educação: tenha-se em conta um Teófilo Braga, um José Leite de Vasconcelos, um Francisco Adolfo Coelho ou um Joaquim António da Silva Cordeiro, por exemplo.



— Manuel Maria de Oliveira Ramos (1862-1931) revelou-se um notável expositor, detendo uma cultura geral verdadeiramente fora do comum, que lhe permitia no final da carreira, e tendo cegado, continuar a preparar as suas aulas, ouvindo previamente de algum aluno mais dedicado a leitura de passagens fundamentais da *Bibliografia*, a sua obra escrita é breve; mas ainda colaborou na *História de Portugal "de Barcelos"*(7);

— José Maria Queirós Veloso (1860-1952), durante longos anos Director da Faculdade, e depois Vice-Reitor da Universidade de Lisboa(8), viria a deixar uma obra extensa, em torno da problemática de 1580, como é sabido; mas a quase totalidade dessa obra é produzida depois do limite da idade; e teve a sorte de viver até aos 92 anos no pleno uso das suas faculdades;

— finalmente, Agostinho José Fortes (1869-1940), verdadeiro "pau para toda a colher" em termos de distribuição de serviço docente — regeu um total de 25 disciplinas em 30 anos de carreira (9) —, deixou uma obra curta e heterogénea, propiciando há 10 anos um diagnóstico sintetizante da sua figura como "um divulgador enciclopédico sem obras originais"(10).

Se a escassa produção historiográfica da "Escola de Lisboa" nas suas primeiras décadas de existência pode reflectir as naturais contin-

(7) Vejam-se os testemunhos de Vitorino Nemésio ("última lição", in *Vitorino Nemésio: Estudo e Antologia*, ed. Maria Margarida Maia Gouveia, Lisboa, ICALP, 1986, pp. 433-50, *maxime* 446) e de Orlando Ribeiro ("Cinquenta anos de vida científica e universitária", *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade de Lisboa], 5.ª sér., n.º 6, Dez. 1986, pp. 11-20, *maxime* 11-12).

(8) Cf. A. H. de Oliveira Marques, "Notícia histórica", *cit.*, p. 164. Foi ainda Queirós Veloso, no âmbito do Ministério da Instrução Pública, chefe da Repartição do Ensino Secundário, Superior e Especial e Director-Geral do Ensino Superior (cf. Ruy d "Abreu Torres, "Veloso, José Maria de Queirós (1860-1952)", in *Dicionário de História de Portugal*, dir. por Joel Serrão, IV/SIS-ZUR, reimpr., Lisboa/Porto, Iniciativas Editoriais/Figueirinhas, 1971, pp. 267-8).

(9) Cf. A. Fi. de Oliveira Marques, "Notícia histórica", *cit.*, p. 45 ss.; veja-se também a notícia necrológica da autoria de [José António] Ferreira de Almeida, "Doutor Agostinho José Fortes", *Revista da Faculdade de Letras* [Universidade de Lisboa], vol. V, 1940-41, pp. 399-400.

(10) Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, Intervenção em "Os 75 anos da Faculdade de Letras: Mesa-redonda", *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade de Lisboa], 5ª sér., n.º 6, Dez. 1986, pp. 176-9, *maxime* 177.

gências do enquadramento universitário de uma área do saber com uma tradição investigativa relativamente limitada no Portugal de então — daí que, tendo surgido uma *Revista* genérica da Faculdade em 1933, haja que esperar-se até aos anos 60 para encontrarmos uma revista específica de *História* —, de Coimbra poderia esperar-se algo de contrastante, tendo em conta os antecedentes da Faculdade de Letras, em termos de "erudição profana"<sup>(n)</sup>, na Faculdade de Teologia, que a precedera. Mas na realidade a situação não vai ser assim tão contrastante: por um lado, porque a Escola viverá fases de grande tensão em alguns momentos da I República, tendo estado iminente a sua extinção — ou desanexação da Universidade de Coimbra, com transferência para o Porto — em 1919, aquando das reformas do ministro da Instrução Leonardo Coimbra; por outro, porque a carência de financiamentos ou a insuficiência dos edifícios não eram problemas que estes nossos remotos predecessores já não conhecessem.

Tomemos este último aspecto. É normalmente referida a acção dinamizadora na plena institucionalização da Escola do "erudito, [...] sempre magnífico, hierático e solene"<sup>(12)</sup> Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos (1860-1941), seu Director entre 1911 e 1920<sup>(13)</sup>. Como conhecido é o seu empenhamento na formação de discípulos — os primeiros foram Joaquim de Carvalho (1892-1958) e Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977), doutorados em 1919 — e na concretização do *Instituto de Estudos Históricos*, previsto pelo legislador de 1911. Mas este último objectivo não será fácil de atingir: repetidamente as *Actas* do Conselho da Faculdade nos dão conta dos obstáculos advindos da falta de verbas e/ou de espaços<sup>(14)</sup>. E assim,

(n) Cf. Vitorino Nemésio, "Última lição", *cit.*, pp. 438-9. O Autor cita os trabalhos pioneiros de José Maria Rodrigues, Joaquim Mendes dos Remédios, Augusto Joaquim Alves dos Santos e (naturalmente à cabeça) António Garcia Ribeiro de Vasconcelos (1860-1941). Sobre os alvares da "Escola de Coimbra" v. também: José M. Amado Mendes, "A História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, investigação e ensino (1911-1926)", in *Universidade(s)*, *cit.*, I, pp. 477-498; e Aníbal Pinto de Castro, "O Cardeal Cerejeira Universitário e Homem de Letras", *Lusitânia Sacra*, 2ª série, vol. 2, 1990, p. 21-45.

(12) Cf. Luís Cabral de Moneada, *Memórias. Ao longo de uma vida (Pessoas, Factos, Ideias). 1888-1974*, s. 1., Verbo, 1992, p. 209.

(13) J. P. Avelãs Nunes, *A História Económica e Social*, *cit.*, p. 28.

(14) Logo nos tempos iniciais da Escola se estabeleceram contactos

só por volta de 1925 teremos o almejado Instituto. Curiosamente, em sincronia com o lançamento da Revista genérica da Faculdade — *Biblos* —, por grande empenhamento do então Director, Joaquim Mendes dos Remédios (1867-1932). Pelo surgimento de uma Revista específica de *História* ainda haverá que aguardar cerca de década e meia, como veremos.

*Em suma:* Tendo em conta as duas mais antigas Escolas Superiores do Ofício de Clio, poderemos dizer que, em matéria de publicação de Revistas da especialidade, e tomando o final dos anos 30 como "*terminus ante quod*", Lisboa *não sabe* e Coimbra *não pode*.

E será justamente a mais jovem Faculdade de Letras, a do Porto, na sua primeira fase — inaugurada em 1919, na ressaca da crise universitária de que as (algo atrabiliárias, é bom que se diga) reformas do ministro Leonardo Coimbra foram apenas um dos vários

visando a cedência temporária de duas salas do Instituto de Coimbra para albergar o Instituto de Estudos Históricos, o que acabará por não se concretizar, cf. as Actas do Conselho da Faculdade de 1911/12/02, 1912/02/01 e 1912/03/02 (*A Universidade de Coimbra no século XX, cit.*, pp. 7, 11, 13 e 15-17). Em 1915, 1919 e 1921 sucedem-se as referências em Conselho à não-instalação do Instituto por falta de salas e de verbas: cf. Actas de 1915/11/20, 1919/12/22 e 1921/02/22 (*A Universidade de Coimbra no século XX, I, cit.*, pp. 111-13, 173 e 191). Saliente-se que estas Actas fazem normalmente referência a *Instituto de Estudos Históricos e Filosóficos*, sem qualquer alusão à *Filologia*, que nos termos da legislação de 1911 deveria constituir a respectiva 1ª Secção. Em 1925, finalmente, parece concretizar-se a criação de dois Institutos, de Estudos Históricos e de Estudos Filosóficos, a ser dirigidos por António de Vasconcelos e por Joaquim de Carvalho, respectivamente (cf. Acta de 1925/01/09, em *A Universidade de Coimbra no século XX, I, cit.*, p. 245). A António de Vasconcelos sucedeu, no cargo de Director do Instituto, Damião Peres, documentado como tal pela primeira vez em Acta de 1933/12/14, embora se depreenda que já anteriormente se encontrava em exercício (cf. *A Universidade de Coimbra no século XX. Actas da Faculdade de Letras*, ed. Manuel Augusto Rodrigues, II, (1925-1936), Coimbra, Arquivo da Universidade, 1991, pp. 236-7). Deixo aqui uma especial referência para o Prof. Doutor Luís Ferrand de Almeida, que em 1986, ao passar o 75º aniversário da FL/UC, me mencionava já a dificuldade de datar com exactidão o arranque do Instituto que remotamente precedeu o actual Instituto de História Económica e Social daquela Faculdade, por motivo das dificuldades constando das citadas *Actas* (ao tempo ainda inéditas), acrescentando testemunhos de um familiar do próprio António de Vasconcelos em idêntico sentido.

aflorentamentos<sup>(15)</sup> —, a pioneira em matéria de Revistas. Logo em 1920 se publica urna *Revista da Faculdade de Letras* (3 n.ºs saldos, 1920/23)<sup>(16)</sup> — 4 anos antes da *Biblos*; 13 antes da publicação homónima de

(15) A 'estória' terá já sido narrada vezes sem conta, não raro com excesso de paixão e *déficit* de informação. Boas síntese recentes, numa perspectiva portuense, serão: Luís A. de Oliveira Ramos, "Notas sobre a origem e estabelecimento da Faculdade de Letras Porto", [sep. do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto], Porto, 1983, pp. 245-60 (reed. com o título "Leonardo Coimbra e a Criação da Faculdade de Letras do Porto", in *Idem, Sob o Signo das Luzes*, Lisboa, IN-CM, 1988, pp. 201-21); e Victor de Sá, "Notas sobre o ensino da História na primeira Faculdade de Letras do Porto", *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade do Porto], *História*, II sér., vol. II, 1985, pp. 199-209. Numa perspectiva coimbrã veja-se Joaquim Ferreira Gomes, *A Universidade de Coimbra durante a Primeira República*, *cit.*, pp. 331-40. É ainda fundamental a consulta da documentação produzida pela própria Universidade de Coimbra durante a crise; vejam-se as Actas do Conselho da Faculdade de Letras de 14, 21 e 23 de Maio e de 30 de Agosto de 1919 (*A Universidade de Coimbra no século XX*, I, *cit.*, pp. 158-68), e da Assembleia Geral da Universidade de 20 de Março e de 13 de Outubro do mesmo ano, esta última transcrevendo Actas de reuniões diversas do Corpo Docente, ao longo dos meses de Maio e Junho ("A Universidade de Coimbra no século XX. Actas da Assembleia Geral: 1911-1934", ed. Manuel Augusto Rodrigues, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. X, [1988], pp. 5-112, *maxime* 34-55). Do lado portuense não existe publicada documentação homóloga. Mas o que possa haver de inédito, nomeadamente Actas do Senado (e ainda hoje se está para saber se esses fundos documentais se perderam ou não no incêndio do edifício da Faculdade de Ciências, em 20 de Abril de 1974), dificilmente se revestirá de interesse comparável, já que parece ponto assente que a Universidade do Porto acolheu (ao tempo) com relativa indiferença uma nova Faculdade que cientificamente pouco lhe dizia, e à saída de um conflito em que não fora parte directamente interessada. A nova Faculdade de Letras do Porto começou a funcionar já no post-crise (Outono de 1919), e as *Actas* do respectivo Conselho (a que adiante me referirei) não apresentam interesse deste ponto de vista.

(16) Em Conselho de Faculdade de 1920/04/18, o Director, Leonardo Coimbra, propõe a criação de uma *Revista da Faculdade*. A proposta foi aprovada, ficando Hernâni Cidade como Director e Redactor principal da nova publicação (as Actas do Conselho da Faculdade foram sumariadas por Luís de Pina, "Faculdade de Letras do Porto (Breve História)", *Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol I [único publicado], 19661, pp. 59-172, sumários das Actas p. 81 ss., Acta em causa p. 88). Conforme se diz na anterior, desconhece-se se a documentação compulsada por L. Pina subsiste ou não.

Lisboa! Não procederei aqui a qualquer análise do conteúdo dos números publicados: tratando-se de uma Revista *genérica* de uma Faculdade de Letras, transcende obviamente os objectivos da presente mesa-redonda. Se bem que a sua publicação algo irregular talvez não seja propriamente "inocente" do ponto de vista de saber *quem foi quem* nesta Escola. Avancemos, no entanto, até porque algo bem mais palpitante de imediato se apresenta: é que em 1924, a "Escola do Porto" (e ainda que não pareça, pelo menos oficialmente, ter já instalado o seu Instituto<sup>(17)</sup>) começa a publicar uma *Revista de Estudos Históricos. Boletim do Instituto de Estudos Históricos*. É pois esta a *mais antiga Revista universitária de História* do nosso País<sup>(18)</sup>. Detenhamonos, naturalmente, na análise dos conteúdos respectivos (cf. *Anexas*,

1.). A *Revista de Estudos Históricos* publicou um total de 3 volumes (1924/25/26), subdivididos em 10 fascículos. O que conteúdos e colaboradores nos mostram é que a "alma" da publicação parece ter estado em Damião Peres, de longe quem mais escreveu na *Revista*, até pela sua capacidade de "atração": veja-se a destacada presença de Pedro Vitorino (1882-1944), arqueólogo e Director do Museu Municipal do Porto, e as ocasionais de E. Prestage e de P. Merêa (que em múltiplas circunstâncias, aliás, colaboraria com D. Peres, v.g. na *História de Portugal "de Barcelos"*). Os destaques da *História Medieval e Moderna*, e da *Arqueologia* (pela presença de Mendes Corrêa e do já mencionado P. Vitorino), e, "regionalmente", da História Política, apresentam-se como naturais na época; embora, por outro lado, se configure já uma *erudição portuense*, geograficamente voltada para a Cidade e para o Norte do País<sup>(19)</sup>.

(17) A criação do Instituto (na circunstância designado como *Instituto de Ciências Históricas*) foi aprovada em Conselho de Faculdade de 1928/07/31, por proposta de D. Peres, logo designado Director (Acta sumariada em Luís de Pina, "Faculdade de Letras", *cit.*, p. 107).

(18) Em rigor, há um antecedente não consumado: trata-se do *Arquivo de História e de Bibliografia*, que Joaquim de Carvalho projectou lançar em 1923, tendo chegado a preparar 2 números, os quais ficaram no entanto por distribuir e comercializar, circulando apenas, na época, algumas separatas. Em 1976 a Imprensa Nacional publicou esses 2 volumes. Agradeço ao Prof. Doutor Luís Reis Torgal as informações que, sobre o assunto, me facultou.

(19) Sobre os seus desenvolvimentos cf. Armando Luís de Carvalho Homem, "A História que nos fez e a História que se faz: da primeira à segunda fase da Faculdade de Letras do Porto", *Revista de História*, do Centro de História da Universidade do Porto, vol. XI, 1991, pp. 227-40, *maxime* 233-6.

Enfim, uma experiência que se afigura positiva<sup>(20)</sup>, se bem que *efêmera*: como efêmera foi também a Escola: em Abril de 1928, o Governo da Ditadura Militar (Presidente do Ministério Óscar Carmo- na, Ministro da Instrução José Alfredo Mendes de Magalhães [da Faculdade de Medicina do Porto]) extingue, entre outras Escolas Superiores e Secundárias, a Faculdade de Letras do Porto, e esta entra num processo de "morte lenta", deixando de receber matrículas e funcionando terminalmente durante os anos lectivos necessários para permitir formar os estudantes ingressados no ano lectivo de 1927/28; o fecho dar-se-á portanto no Verão de 1931; e, naturalmente, as publicações interrompem-se.

Singular conjuntura esta, bem aziaga, por sinal, para o Ensino Superior da *História*. Porquanto entre 1926 e 1930 se projecta todo um conjunto de reformas curriculares das Faculdades de Letras, de sentido claramente retrógado face ao estabelecido na década anterior<sup>(21)</sup>. E tudo culmina na reforma de 1930 (ministro Gustavo Cordeiro Ramos)<sup>(22)</sup>: atribuindo-se à *Geografia* um estatuto de "maioridade cien-

<sup>(20)</sup> Note-se que, não sendo na altura publicada a *Revista da Faculdade*, a *Revista de Estudos Históricos* acolhe trabalhos de docentes que não pertencem formalmente ao Grupo de *História* (o 4º): é o caso de J. Teixeira Rêgo (*Filologia Românica*), Ângelo Ribeiro (*Filologia Germânica*, nos textos 'menores'), Mendes Corrêa e Magalhães Basto (ambos de *Geografia*). O que me retransporta ao problema do *Quem foi Quem* nesta Escola: que legitimidade para a sua identificação com o 'sacralizado' Leonardo Coimbra e o seu ensino livre e, 'informal' prolongado em tertúlias de café? Em termos de posteridade da Escola, o que marcou mais a vida cultural portuguesa do século XX? A *História de Portugal* "de Barcelos" ou a Filosofia Portuguesa de Álvaro Ribeiro e continuadores? E qual a lógica de continuarmos permanentemente a ouvir individualidades que, escolar ou geracionalmente, *nada* tiveram a ver com a Iª Faculdade de Letras do Porto (de M. da Cruz Malpique a José Augusto Seabra, de Dalila Pereira da Costa a Paulo Samuel), entoando *loas* à Escola e ao seu Ensino sem qualquer conhecimento, vivencial ou investigativo, de situações? Conclusão: a primeira Faculdade de Letras do Porto, nas suas géneses e (sobretudo) vivência e morte, continua a aguardar historiador.

<sup>(21)</sup> Cf. os Decretos 12:677, de 1926/11/17 (DG, I sér., nº 257, da mesma data; ministro Artur Ricardo Jorge) e 17:063, de 1929/07/03 (DG, I ser., da mesma data; ministro Gustavo Cordeiro Ramos). Esta última reforma não chegará a vigorar.

<sup>(22)</sup> Cf. o Decreto 18:003, de 1930/02/25 (DG, I sér. da mesma data). Sobre estas reformas cf. A. H. de Oliveira Marques, "Notícia histórica", *cit.*, pp. 147-51.

tífica' plena, autonomizava-se a licenciatura respectiva; como, por outro lado, a licenciatura em *Filosofia* escasso número de estudantes atraía, resolvia-se (?) o problema (consagrando uma 'solução' surgida pela primeira vez na reforma de 1926) 'federando-a' com a *Historia*. E assim se configurava a licenciatura em "Ciências Histórico-Filosóficas", esse "conúbio monstruoso" (Virgínia Rau)<sup>(23)</sup> que iria vigorar por mais de um quarto de século, concretamente até 1957<sup>(24)</sup>.

O "signo da reforma de 1930"<sup>(25)</sup> não se apresenta portanto especialmente atractivo, à partida, do ponto de vista do Ensino Superior e da investigação científica no campo da *Historia*, até porque a década de 30 é de estagnação e abaixamento da população discente das Faculdades de Letras, tendo até estado iminente, no caso da de Lisboa, uma situação de extinção ou de suspensão de actividades<sup>(26)</sup>. Ainda que seja em momentos diversos da vigência de tal reforma que deparamos com o que poderemos designar de *arranques modernizantes*, que em parte se vão prender com a publicação de Revistas, como veremos.

O primeiro desses *arranques* data da viragem para a década de 40, e na Escola de Coimbra é representado pelo lançamento da *Revista Portuguesa de Historia*, a mais antiga publicação periódica em actividade na nossa área do saber. Coimbra possuía ao tempo um Corpo Docente de *Historia* não muito numeroso, mas representado por Mestres porventura no apogeu da sua produção intelectual: Mário Brandão (1900-1995), Manuel Lopes de Almeida (1900-1980), Virgílio Correia (1888-1944), todos formados por Coimbra (ainda que em momentos e enquadramentos diversos); a *Revista*, publicada com a chancela do Instituto de Estudos Históricos, que passava agora a ostentar o nome do seu primeiro Director, António de Vasconcelos, ainda contou com o impulso inicial e a ocasional colaboração desse

<sup>(23)</sup> Cf. A. H. de Oliveira Marques, "A universidade do Estado Novo: memórias de um percurso universitário (1950-1964)", in *Universidade(s), cit.*, V, pp. 431-42, *maxime* 438.

<sup>(24)</sup> A separação das licenciaturas em História e em Filosofia consta da reforma curricular de 1957/10/30 (Decreto 41.341, DG, I sér., da mesma data).

<sup>(25)</sup> Título do cap. IV de A. H. de Oliveira Marques, "Notícia histórica", *cit.*, p. 152 ss.

<sup>(26)</sup> Cf. A. H. de Oliveira Marques "Notícia histórica", *cit.*, p. 153, nota d).

seu *pai fundador*; ao tempo em fim de vida; não é de esquecer também a contribuição do Mestre da *História do Direito* que foi Paulo Merêa (1889-1977), que, aliás, nos anos 20 chegara a ensinar na própria Faculdade de Letras<sup>(27)</sup>; finalmente, o contributo de dois Mestres provenientes da extinta Faculdade de Letras do Porto: Damião Peres (1889-1976) e Torquato de Sousa Soares (1903-1988). E será justamente este último o grande entusiasta da publicação, e responsável não só pela longa durabilidade da mesma, como (e aqui será de destacar também o papel de Paulo Merêa) pela adopção de um "Tigurino" inicial onde creio poderem detectar-se influências do *Anuario de Historia del Derecho Español*, como, finalmente, pela ressonância internacional da *Revista*<sup>(28)</sup>. Sobre esta, diversos autores se têm debruçado: desde um Oliveira Marques no início dos anos 70<sup>(29)</sup>; a um Luís Adão da Fonseca em 1985<sup>(30)</sup>; a um João Paulo Avelãs Nunes em

(27) J. P. Avelãs Nunes, *A História Económica e Social*, pp. 290-91 *et passim*.

(28) Revestir-se-ia de todo o interesse averiguar qual a dimensão dos contactos internacionais de Torquato de Sousa Soares, particularmente nos anos 30, 40 e 50. É ponto assente que foi amigo duradouro de Claudio Sanchez-Albornoz. É também sabido que, em momentos diversos, promoveu a vinda a Coimbra, como professores visitantes, de um Charles Verlinden e de um Yves Renouard (cf. J. P. Avelãs Nunes, *A História Económica e Social*, cit., p. 209 *et passim*; o curso professado pelo primeiro daqueles 2 autores foi publicado com o título *Introduction à l'histoire économique générale*, Coimbra, Fac. Letras /Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1984). Há quem refira a troca de correspondência com um Henri Pirenne ou um Marc Bloch; o certo é que à Société féodale do segundo consagrou extensa recensão crítica na Revista (vol. III, 1947, pp. 634-54). Seria do maior interesse um estudo do seu espólio, onde deverão existir materiais para os nunca publicados índices da 2ª ed. de Gama Barros. Como balanço da sua obra, cite-se Avelino de Jesus da Costa, "Dr. Torquato de Sousa Soares", *Revista Portuguesa de História*, vol. XVI/1, 1976, pp. V-XXII.

(29) A. H. de Oliveira Marques, "Esboço histórico da historiografia portuguesa", in *Ensaio de Historiografia Portuguesa*, cit., pp. 11-53 *maxime* 45-46 (Reedição de Introdução à *Antologia de Historiografia Portuguesa*, ed. A.H. de Oliveira Marques, 2ª ed., Mem Martins, Europa-América, s.d. [1983], pp. 15-58, *maxime* 49-50 [1ª ed., 1972]).

(30) Luís Adão da Fonseca, "La historiografia medieval portuguesa: 1940-1984", in *La Historiografía en Occidente desde 1945. Actitudes, tendencias y problemas metodológicos. Actas de las III Conversaciones Internacionales de Historia [Pamplona, 1984]*, ed. V. Vazquez de Prada, I. Olábarri e A. Floristan, Pamplona, Eunsa, 1985, pp. 51-67, *maxime* 56-7.



1993<sup>(31)</sup>; ou a um José M. Amado Mendes em 1994<sup>(32)</sup>. Sinteticamente, vejamos o ponto da situação estabelecido pelas respectivas análises aos conteúdos:

- Assim, e ao nível dos conteúdos, a *RPH*, nas suas primeiras décadas, privilegia claramente a Idade Média e a Época Moderna (particularmente os Descobrimentos); e, "regionalmente", a História Política; até aos anos 60, esses domínios representam um total de 80% dos artigos publicados, com total exclusão dos séculos XIX e XX<sup>(33)</sup>.

- Uma análise prolongada até ao final da década de 70 matiza um pouco estes valores; de qualquer modo, a temática medieval continua presente em 60% dos artigos, representando os tempos modernos 28% e os séculos XIX-XX apenas 6%; 'regionalmente' a História Institucional, Política e Jurídica representa 46% dos títulos, a História Económica e Social 16%, a História da Igreja 14%, e a História Cultural 11%; de salientar no âmbito da História Política a problemática das Cortes, e no âmbito dos Descobrimentos os temas de História do Brasil<sup>(34)</sup>.

- Será ao nível dos colaboradores que a *RPH* dos primeiros decénios apresenta maiores novidades no Portugal do tempo. Segundo a análise de João Paulo Avelãs Nunes, se a Revista não deixa de privilegiar os expoentes de uma atitude historiográfica designada como "historicismo neo-metódico", coincidente no essencial com os pontos de vista e os interesses do regime vigente<sup>(35)</sup>, o facto é que

(31) J. P. Avelãs Nunes, *A História Económica e Social*, cit., pp. 207-17 e 252-64.

(32) J. M. Amado Mendes, "A História Económica e Social nos últimos vinte anos: principais tendências e metodologias", *Revista Portuguesa de História*, vol. XXIX 1994, pp. 1-31, *maxime* 24 ss.

(33) Cf. A. H. de Oliveira Marques, "Esboço histórico", cit., p. 45.

(34) Cf. Luís A. da Fonseca "La historiografia medieval", cit., p. 56. Tomando o ano de 1974 como "*terminus ante quo*", a análise de J. P. Avelãs Nunes (*A História Económica e Social*, cit., pp. 119-20) chega a valores não muito diferentes: 50% para a Idade Média, 36% para a Época Moderna e apenas 5% para os séculos XIX-XX; à História Institucional, Política e Militar cabem 49% dos títulos, à História Cultural e Religiosa 29% e à História Económica e Social 16%.

(35) Atitude historiográfica que o Autor considera predominante nas nossas Universidades até aos anos 70, e traduzindo-se por uma prática

também não deixou de estar aberta a outras correntes. Desde logo porque 48% da colaboração se deve a autores de além-fronteiras, muitos dos quais conotados com uma História Económica e Social "clássica" ou mesmo com a *Nouvelle Histoire*. Será o caso de um Ch. Verlinden, de um Ch. R. Boxer, de um F. Mauro, de um M. Mollat, de um A. Silbert, de um A. Dominguez Ortiz ou, entre os portugueses, de um L. Albuquerque (1917-1992), de uma V. Rau, de um J. B. Macedo. Muitos destes colaboradores serão ocasionais, é certo; mas mesmo entre os mais assíduos essa pluralidade de posicionamentos se afigura manifesta: T. S. Soares, L. Ferrand de Almeida, P. Merêa, R. de Azevedo, Ch. Verlinden, Avelino J. da Costa<sup>(36)</sup>.

- Nos últimos 21 anos, a *RPH* passou por uma evolução que a afastou consideravelmente da prática dos seus cerca de 35 anos iniciais. Assim, e à entrada da presente década, o primado em termos cronológicos tinha-se deslocado para a História Moderna (50% dos artigos em 1990), e em termos de *regionalidades* para a História Económica e Social (mais de 70% dos artigos no mesmo ano<sup>(37)</sup>).

A este ponto da situação acrescentarei eu que, e particularmente nos últimos 10 anos, a *RPH*, sem perder a sua tradicional Irradiação", em termos de colaboradores, se "concentrou" no entanto sensivelmente no elenco dos docentes/investigadores do Instituto de História Económica e Social da Faculdade de Letras. Não tendo, por outro lado, criado o hábito dos números temáticos<sup>(38)</sup>, a natural consequência foi a redução da volumetria, com os números frequentemente na

tradicionalista e nacionalizante, recusando qualquer teorização explícita e assente num "empirismo causalista linear e factualista" (causas-factos-consequências), no primado do político e na desconfiança face ao *social*, num euro-cristiano-centrismo e numa atenção, predominantemente aos tempos pré-século XIX (Cf. J.P.Avelãs Nunes, *A História Económica e Social*, cit., pp. 91-141 *et passim*, cf. também, do mesmo autor, "Historiografia e poder(es): a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra entre 1911 e 1974", *Vértice*, II sér., 62 (Set.-Out. 1994), pp. 57-71).

<sup>(36)</sup> Cf. J. P. Avelãs Nunes, *A História Económica e Social*, cit., pp. 207 ss.

<sup>(37)</sup> J. M. Amado Mendes, "A História Económica e Social nos últimos vinte anos", *cit.*, pp. 27-32.

<sup>(38)</sup> Salvo o vol. XXIII, que constitui um dos tomos das *Actas* do Colóquio "A Revolução Francesa e a Península Ibérica" (Coimbra, Fev. 87).

casa das 3 centenas de páginas, o que representará um abaixamento médio de cerca de 40% em relação às dimensões tradicionais.

Prossigamos. Na Escola de Lisboa, o primeiro *arranque modernizante* data igualmente dos anos da II Guerra Mundial. Uma geração predominantemente discente — embora contando entre o Corpo Docente com nomes como o de José Antonio Ferreira de Almeida (1913-1981), o de Vitorino Magalhães Godinho (efemeramente) e mais tarde o de Artur Nobre Gusmão — e associando o combate por uma Historiografia que à nossa dimensão representasse algo de semelhante ao movimento dos *Annales*<sup>(39)</sup> a uma militância anti-regime (palpável sobretudo a partir de 1944-45) protagoniza (e sobretudo preconiza) um "Fazer História" moldado por preocupações realmente *outras*. Escassa expressão universitária acabará por ter, ao tempo, o grupo: nomes como os do já mencionado Vitorino Magalhães Godinho, ou os de Jorge [Borges] de Macedo (1921-1996), Joel Serrão, José-Gentil da Silva, Joaquim Barradas de Carvalho (1920-1980), José-Augusto França, Fernando Piteira Santos (m. 1993), Julião Soares de Azevedo (m. 1952), Mário Soares, Rui Grácio (m. 1992) ou (proveniente de Coimbra) Armando Castro [inventário de modo algum exaustivo] ou nunca ou só muito mais tarde terão acesso à docência superior em Portugal; e, conseqüentemente, às Revistas universitárias da especialidade. Deixemos portanto, e para já, esta geração, e avancemos.

(39) É sabido que J. A. Ferreira de Almeida e Vitorino Magalhães Godinho foram pioneiros na utilização didáctica em Portugal, respectivamente da *Société féodale* de M. Bloch (testemunho de Jorge Borges de Macedo, "Mais um Comentário do que uma Apresentação Desnecessária", Prefácio I a D. *João II: um percurso humano e político nas origens da modernidade em Portugal*, de Manuela Mendonça, Lisboa, Estampa, 1991, pp. 15-20, *maxime* 15; a "arrumação" que o Autor faz das várias Historiografias existentes no Portugal dos anos 40 afigura-se-me carecer de profunda revisão) e do *Rabelais* de L. Febvre (testemunho pessoal do próprio V. M. Godinho), isto em plena ocupação alemã da França, quando tais obras, posto que impressas, não estavam propriamente no mercado; por sorte, dois exemplares vieram parar a uma livraria de Lisboa... Sobre o ambiente cultural que rodeou esta geração, veja-se ainda Joaquim Romero Magalhães, "De Victorini Magalhães Godinho Vita, Scriptis et in Adversis Animi Fortitudine", in *Estudos e Ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*, Lisboa, Sá da Costa, 1988, pp. 1-16, *maxime* 2-6.

O segundo *arranque modernizante* da Escola de Lisboa terá o seu início pelos meados da década de 50. Apanha Virgínia Rau (1907-1973) já no topo da carreira, e a esta "Dama de Ferro" da nossa Historiografia se encontra indissolivelmente ligado: a ela, como a Oliveira Marques, ou ainda, como discentes ou docentes em (eventualmente mais tardio) início de carreira, a nomes como os de Luís de Oliveira Ramos, Humberto Baquero Moreno, Eduardo Borges Nunes, J. Borges de Macedo (1921-1996), Iria Gonçalves, M<sup>a</sup> do Rosário The-mudo Barata, M<sup>a</sup> José Lagos Trindade (m. 1980), M<sup>a</sup> Olímpia Rocha Gil (m. 1992), Manuel H. Côrte-Real, Vítor Pavão dos Santos, Pedro Canavarro, Luís Filipe Thomaz ou M<sup>a</sup> José Ferro [inventário, também aqui, de forma alguma exaustivo]. E lembremos a participação da Escola no *Congresso Histórico de Portugal Medieval* (Braga, 1959) e o clássico estudo sobre a Peste Negra, a colaboração que diversos dos seus expoentes deram ao *Dicionário de História de Portugal*, as teses de doutoramento de Oliveira Marques (1960), Fernando de Almeida (1903-1978) (em 1962), J. Borges de Macedo e Eduardo Borges Nunes (ambas de 1964) e (*the last but not the least*) o lançamento da Revista *Do Tempo e da História* (1965), dado, curiosamente, quando as sequelas da crise académica de 1962 (e algumas complicações laterais) tinham já toldado (irremediavelmente?) o clima da Escola<sup>(40)</sup>. Que nos vem trazer esta Revista, órgão do Centro de Estudos Históricos (dependente do Instituto de Alta Cultura e anexo à Faculdade de Letras da Capital), dirigida por Virgínia Rau e secretariada por Jorge Borges de Macedo, e cujo título (bem fora do vulgar, ao tempo) já parece enunciar um "programa"? Debrucemo-nos sobre os 5 números publicados até 1972. Não há dúvida de que, facto quase inédito até então, *Do Tempo e da História* se apresenta como uma Revista *com projecto*. O volume inaugural (1965) abre com uma breve "Apresentação" (não assinada, mas da autoria, com toda a probabilidade, do próprio Jorge Borges de Macedo)<sup>(41)</sup>, onde se enunciam os grandes objectivos do Centro enquanto "lugar" de investigação: "a história das estruturas da sociedade portuguesa (desde as culturais às

<sup>(40)</sup> Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, *Marcello Caetano: Confidências do Exílio*, Lisboa/São Paulo, Verbo, 1985, pp. 26-36; e A. H. de Oliveira Marques: *O Homem e o Historiador - Balanço de seis décadas*, diálogos com João Pedro Ferro, Lisboa, Presença, 1994, pp. 63-78.

<sup>(41)</sup> Pp. 3-5.

administrativas, oficiais ou particulares), a demografia histórica e a história das relações internacionais de Portugal", esclarecendo-se de seguida que os dois primeiros pontos visavam "a articulação [...] de uma história da sociedade portuguesa" em termos "realmente concretos (e não doutrinário-concretos, como é frequente fazer-se)"<sup>(42)</sup>, "assentando sobre o estudo prévio das reais condições da sua [da sociedade portuguesa] evolução"<sup>(43)</sup>; procedendo de seguida o texto a um explicitar da articulação entre a Revista e as restantes publicações do Centro<sup>(44)</sup>.

Que dizer dos conteúdos (cf. *Anexos*, 2.)? Como se vê, a Revista era órgão de um Centro com determinadas áreas de pesquisa, e não da totalidade do Grupo de História da FL/UL. Isto, associado à explicitação de objectivos patente na apresentação do vol. I, bem como ao perfil dos colaboradores, permite compreender as ausências (Arqueologia, História da Arte), as subrepresentações (História Contemporânea) e os predomínios (a História Económica e Social das Épocas Medieval [mormente o século XV] e Moderna). Destaque, por último, para uma certa dimensão internacional da Revista, patente em colaborações como as de F. Mauro, H. Kellenbenz ou P. E. Russell.

<sup>(42)</sup> Esta insistência no *concreto* é sem dúvida um dos *fétiches* da Escola de Lisboa ao tempo; e se não vejamos as ocorrências do termo (ainda hoje) nos textos de Jorge Borges de Macedo. Cf. a crítica (e "batendo" à "direita" como à "esquerda") de Vitorino Magalhães Godinho, *Introdução à história económica*, Lisboa, Horizonte, 1970, p. 94.

<sup>(43)</sup> O *cientismo* da asserção disfarça mal uma demarcação de fundo face a um ensaísmo então corrente, fosse ele de raiz sergiana ou materialista; e no entanto, Sérgio influenciara decisivamente alguns dos rumos investigativos da própria Escola: mencione-se tão somente a tese de concurso de V. Rau sobre o sal de Setúbal (1951).

<sup>(44)</sup> Entre 1965 e 1971, o Centro publicou à roda de uma dezena monografias (v.g. M. Olímpia R. Gil, M<sup>a</sup> Alcina R. Correia, M<sup>a</sup> Valentina C. Amaral, Luís Filipe Thomaz, Manuel H. Côrte-Real, Pedro Canavarro, M<sup>a</sup> José Ferro e M<sup>a</sup> Rosário Themudo Barata); em diversos casos, trata-se de dissertações de licenciatura. Acrescem publicações como o itinerário de D. Dinis (1962) e o *Album de Paleografia* de Eduardo Borges Nunes (1969). Veja-se a relação completa das publicações na contra-capa do vol. V (1972). Sobre a revista em causa e a actividade do Centro, cf. também Ernesto Castro Leal, "Notas sobre a Revista 'Do Tempo e da História' (1965-1972)", *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. 1, 1995, pp. 163-73 (publicado após a apresentação oral do presente texto).

Relativamente à Escola de Lisboa no período anterior a 1974, resta-me fazer referência à Revista criada e dinamizada por Joaquim Veríssimo Serrão em 1973: *Portugaliae Historica*, 2 volumes publicados (1973 e 1974), Revista seguindo um modelo próximo do dos *Arquivos do Centro Cultural Português* da Fundação Gulbenkian (Paris), que o mesmo historiador lançara e dirigira na Capital francesa a partir de 1970. A escassez dos volumes saídos e a grande descontinuidade em relação à 2ª série (1 vol. publicado, 1990) levam-me a não entrar na análise dos conteúdos respectivos.

E para encerrar as Revistas universitárias de *História* surgidas antes de 1974, resta-me fazer referência à publicada pela renascida Faculdade de Letras do Porto. Esta Escola foi restaurada por Decreto de Agosto de 1961, reiniciando as suas actividades lectivas em 1962/63; até 1969 contou apenas com as licenciaturas em *História* e em *Filosofia* e com o Curso de *Ciências Pedagógicas*<sup>(45)</sup>. Em 1970, instalados os órgãos de gestão então normais numa Faculdade<sup>(46)</sup>, é relançada uma *Revista da Faculdade de Letras*<sup>(47)</sup>, por séries, segundo os vários grupos disciplinares da Escola.

(45) Sobre o assunto cf. por todos Armando Luís de Carvalho Homem, "A História que nos fez e a História que se faz", *cít.*, pp. 227-40, e a bibliografia aí citada.

(46) Conselho Escolar, Director, Secretário e Bibliotecário. Nos termos do Decreto que relançara a Escola em 1961, esta situação atingir-se-ia logo que houvesse 3 professores catedráticos em exercício (Decreto transcrito por Luís de Pina, "Faculdade de Letras do Porto", *cít.*, pp. 74-8); o que se consumou em Janeiro de 1970: António Cruz (1911-1989), Eduardo Abranches de Soveral e M<sup>a</sup> de Lurdes Belchior (numa meteórica passagem pelo Porto, onde justamente atingiu a cátedra); transferido de Lisboa em 1962, José António Ferreira de Almeida, por seu turno, chegaria a catedrático em Maio de 1972. Sobre tudo isto cf. Armando Luís de Carvalho Homem, "Os 25 anos da Faculdade de Letras: passado e presente", *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade do Porto], II sér., vol. IV, 1987, pp. 293-307; e *Idem*, "António Cruz (1911-1989): um testemunho", *ibidem*, II sér., vol. VI, 1989, pp. 457-69.

(47) O prólogo do volume inaugural da série de *História* assume explicitamente o intuito de restaurar o título da Revista publicada pela Escola na sua primeira fase (1920 ss.). É óbvio que deixo de lado nesta análise o volume único do primeiro projecto de Revista da restaurada Faculdade, *Cale* (1966), por se tratar de Revista genérica da instituição, logo transcendendo os objectivos da presente mesa-redonda, ainda que a representação histórica seja forte.

Da série de *História* sairão 4 volumes (um dos quais duplo)<sup>(48)</sup> até 1974. Que poderei fazer ressaltar da análise dos conteúdos (cf. *Anexas*, 3.)? Em termos cronológicos, detecta-se um predomínio natural dos séculos XVI-XVIII, facto que não carece de paralelos noutras Escolas ao tempo<sup>(49)</sup>; e, em termos de *regionalidades* abordadas, um relativo equilíbrio, natural numa Revista que se quereria "porta-voz" de um "Departamento"; ainda assim, é de dar realce a urna certa pujança do *político lato sensu* (artigos de Antonio Cruz, Luís de Oliveira Ramos e Luís Adão da Fonseca, por exemplo), prenunciador de rumos futuros da Escola; algum realce também para a Arqueologia da cultura castreja, pela pena de Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996).

Que dizer da evolução das Revistas universitárias de *História* ao longo dos últimos 21 anos?

Seria de estreita miopia afirmar que, no imediato, o 25 de Abril se repercutiu favoravelmente na actividade dos historiadores portugueses e na sua imagem enquanto "micro-população". Pelo contrário, e nos anos imediatamente subsequentes à mudança de Regime, não foi a *voz* dos historiadores uma voz que facilmente se fizesse escutar, mormente no seio de uma *intelectualidade* que descreia da erudição, que a identificava com posições conservadoras ou rehogadas, que desconhecia (ou se recusava a conhecer) os progressos por que apesar de tudo a nossa Historiografia passara desde os anos 60 e que preferia cultuar nas aras de um ensaísmo que tinha (e vem tendo) em Eduardo Lourenço o seu "S. Tiago Maior" e em Eduardo Prado Coelho o seu "S. Tiago Menor". Mas os "sacerdotes de Clio" "sobreviveram". Creio bem que nunca se salientou devidamente a importância do Centenário da morte de Herculano, em 1977<sup>(50)</sup>, no processo de uma relativa "viragem", que culminará no próprio alargamento do público leitor

<sup>(48)</sup>Ovol. IV/V, 1973/1974.

<sup>(49)</sup> Tenha-se também em conta, nesta Escola, o peso da *História Moderna* dissertações de licenciatura. Cf. A. L. de Carvalho Homem, "A História que nos fez...", *cit.*, pp. 237-8 e 240; e *Idem*, Amélia Aguiar Andrade e Luís Carlos V. C. do Amaral, "Por onde vem o Medievismo em Portugal?", *Revista de História Económica e Social*, vol. 22, Jan.-Abr. 1988, pp. 115-37.

<sup>(50)</sup> Salientem-se, por exemplo, os ciclos de conferências organizados no Porto pela Biblioteca Pública Municipal e pela Fundação Eng. António de Almeida. Herculano historiador, romancista, poeta, polemista, político ou

da produção historiográfica na década subsequente; "viragem" que pressupõe, evidentemente, um como que reencontro da micro-comunidade dos historiadores consigo própria: havia que voltar às fontes, havia que construir *erudição*, por parte de uma Historiografia que até então só muito incompleta e descontinuamente a tivera (e, deste ponto de vista, muitas das críticas de um António Sérgio, por exemplo, batem francamente "ao lado"; repetidamente um V. Magalhães Godinho o tem salientado); e, por esses finais da década de 70, objectivos como os enunciados eram susceptíveis de congregar amplos sectores da comunidade historiográfica; a heterogeneidade de formações e de posicionamentos daqueles que celebraram Herculano é — creio — sintomática.

Em tais condições, que dizer da evolução das Revistas universitárias de *História*? Creio que o caso mais nítido de continuidade sem interrupção é o da *Revista Portuguesa de História*, com as modificações de estrutura e conteúdo a que já fiz referência<sup>(51)</sup>.

Coimbra, aliás, e logo em 1977, conhecerá uma nova publicação: a *Revista de História das Ideias*. Órgão do novo Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras, deve-se a impulso fundador de José Sebastião da Silva Dias (1916-1994), que dirigiu os primeiros números<sup>(52)</sup>, depois sucessivamente continuado por Manuel Augusto

auto-exilado em Vale de Lobos é abordado por nomes tão diferentes como Vitorino Nemésio (na que terá sido uma das suas últimas aparições em público, em Set. 77; m. Fev. 78), Jacinto do Prado Coelho (1921-1984), José Augusto Seabra, Óscar Lopes, Vasco Graça Moura, Vitorino Magalhães Godinho, Joaquim Veríssimo Serrão, Humberto Baquero Moreno, Luís de Oliveira Ramos, Victor de Sá e Fernando de Sousa. Saliente-se também o volume *Alexandre Herculano à luz do nosso tempo. Ciclo de Conferências*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1977; de conteúdo algo desigual, destaquem-se no entanto as contribuições de Francisco da Gama Caeiro (1926-1994), José-Augusto França, Isaías da Rosa Pereira, Humberto Baquero Moreno, Martim de Albuquerque e Joaquim Veríssimo Serrão. Quase que é caso para dizer: só Herculano conseguiria tal coisa!

<sup>(51)</sup> Cf. nomeadamente o trabalho de José M. Amado Mendes *cit. supra*, nota (32), p. 24 ss.

<sup>(52)</sup> Silva Dias pertencia não ao 4º Grupo (*História*), mas ao 6º (*Filosofia*) da FL/UC. E ainda antes do 25 de Abril projectou uma Revista que se intitularia *Philosophica Conimbricensis*. Não se chegou a publicar qualquer número; mas o trabalho do próprio J. S. da Silva Dias, "Braga e a Cultura Portuguesa do Renascimento" (Coimbra, 1973) é apresentado como separata dessa projectada publicação.



Rodrigues e Luis Reis Torgal. Que nos traz a *Revista de Historia das Ideias*? Não vou neste caso apresentar qualquer contabilização: pelo simples motivo de que me daria a longas concretizações cronológicas, temáticas, "regionais" e onomásticas para depois enunciar *o óbvio* — o domínio de uma História Cultural e Política centrada predominantemente nos séculos XVIII e subsequentes; tal, com efeito, a vocação da ESCOLA de investigação lançada por esse cidadão da *res universitaria* que foi Silva Dias, e eficazmente prosseguida até hoje, quase 20 anos decorridos, e quando já se publicaram 16 números, alguns dos quais desdobrados em vários tomos; para além do mais, existe publicado um *índice* dos 10 primeiros volumes<sup>(53)</sup>. Preferirei assim realçar umas tantas características da Revista que a tomam contrastante face a experiências precedente, particularmente em Coimbra:

- Sobre ser o órgão científico de um Instituto, da actividade dos elementos respectivos nos dando regular testemunho, a Revista tem pretendido continuamente *fazer o ponto da situação* de determinadas problemáticas adentro dos seus objectivos; daí a frequente organização de números temáticos, com um coordenador específico (eventualmente dois), experiência iniciada em 1982 com "O Marquês de Pombal e o seu tempo" (vol. 4), e prosseguida com números em torno de António Sérgio (vol. 5, 1983), de "Revoltas e Revoluções" (vols. 6 e 7, 1984 e 1985), de "O Sagrado e o Profano" (vols. 8 e 9, de homenagem ao fundador, 1986 e 1987), de "A Revolução Francesa e a Península Ibérica" (vol. 10, 1988)<sup>(54)</sup>, de Antero (vol. 13, 1991), de "Descobrimientos, Expansão e Identidade Nacional" (vol. 14, 1992), de "Rituais e Cerimónias" (vol. 15, 1993) ou da mudança de Regime no Portugal dos anos 70<sup>(55)</sup>.

- O facto que acabo de apontar permite desde logo compreender

<sup>(53)</sup> Cf. M<sup>a</sup> do Rosário Azenha, *Revista de História das Ideias: índices - vols. 1-10*, Coimbra, [Fac. Letras/] Instituto de História e Teoria das Ideias, 1989.

<sup>(54)</sup> Trata-se de um dos tomos das *Actas* do Congresso de indêntica temática (Coimbra, Fev. 87). O outro tomo constitui o vol. XXII da *Revista Portuguesa de História*.

<sup>(55)</sup> Algumas destas problemáticas foram abordadas aquando da passagem de efemérides, v.g. o centenário de uma qualquer individualidade ou evento; só que nestes casos são *comemorações* por única e exclusiva iniciativa de sectores da comunidade científica, sem qualquer 'tutela' do poder político.

o considerável alargamento da Revista em termos de colaboradores: estes não são apenas os membros do Instituto ou da Escola, mas também, e com uma notável abertura de horizontes, investigadores de diversas proveniências, susceptíveis de contribuir para as temáticas em análise; na Revista escrevem assim docentes dos mais variados meios universitários portugueses e historiadores de múltiplos países, com algum destaque para espanhóis e brasileiros.

- O que me leva a um terceiro tópico que pretendo realçar. Já vimos como a *Revista Portuguesa de História* viu os seus números reduzirem-se em extensão nos últimos cerca de 15 anos. Ora os números temáticos da *Revista de História das Ideias*, pelo contrário, e com toda a naturalidade, apresentam-se bem mais *volumosos*, sempre pelas múltiplas centenas de páginas (nunca menos de 500). Até porque, para além das contribuições que consubstanciem a área temática em apreço, cada número pode integrar uma secção *Vária*, com estudos de outra índole.

Tais são os pontos que me parecem de momento dignos de realce nesta publicação. Note-se que a *Revista de História das Ideias* virá a ter o que poderemos chamar um Trmã mais nova: refiro-me à Revista *Cultura: História e Filosofia*, fundada por Silva Dias na Universidade Nova de Lisboa, para onde se transferiu em 1979 (cf. *Anexas*, 6E, de facto, a Revista em causa apresenta múltiplos pontos de contacto com a "irmã mais velha", em termos, por exemplo, de predomínios de cronias ou "regionalidades", ou de abertura larga do leque de colaboradores. Não tendo, por outro lado, o hábito dos números temáticos, não raro, no entanto, se nota nos seus volumes a existência de núcleos de artigos "confinantes" na sua problemática. Saliente-se, por outro lado, que é esta a única Revista marcadamente histórica da Universidade Nova.

Que dizer dos outros meios universitários e das suas publicações periódicas?

No Porto, a série de *História* da *Revista da Faculdade de Letras* sofre uma interrupção de exactamente 10 anos (1974/84). Mas entretanto a Escola conseguiu criar um Centro de Investigação dependente do INIC — o Centro de História da Universidade do Porto<sup>(56)</sup> —, e sob a sua égide arrancara em 1978 uma nova publicação,

a *Revista de Historia* (Direcção de Luís Oliveira Ramos). Seis anos depois reiniciar-se-á a publicação da *Revista da Faculdade* série de *Historia*. Natural será assim que conjuntamente se analisem estas duas publicações, dizendo "grosso modo" respeito ao mesmo universo de investigadores (cf. *Anexas*, 4.)<sup>(57)</sup>. Tratando-se aqui de Revistas "porta-voz" de um 'Departamento' e de um Centro — logo, cuidando de patentear a regular actividade dos seus docentes/investigadores, natural será um certo equilíbrio cronológico-temático: os temas de História Medieval, Moderna e Contemporânea estão praticamente ^ex-aequo", com a Arqueologia e a História da Arte num natural segundo plano em termos quantitativos, e aí também com valores próximos entre si<sup>(58)</sup>. "Regionalmente" o desequilíbrio também não é grande, se bem que me pareça de assinalar o lugar cimeiro da História

(56) Foi criado em Maio de 1976, compreendendo as Linhas de Acção de *História Medieval* (coord. H. B. Moreno), *História Moderna* (coord. L. O. Ramos), *História Contemporânea* (coord. V. de Sá até 1991, e depois F. Sousa) e *Arqueologia e Etnografia Naval* (coord. O. L. Filgueiras). Ulteriormente agregou-se-lhe uma Linha de *História da Arte* (coord. J. A. Ferreira de Almeida até 1981, e depois Carlos A. Ferreira de Almeida). Este Centro vinha na prática dar sequência ao Projecto PL2 do Instituto de Alta Cultura (fundado em 1970, coord. A. Cruz) (Sobre a actividade deste Centro cf. Luís A. de Oliveira Ramos, "Os Centros do INIC da Faculdade de Letras", *Boletim da Universidade do Porto*, n.º 12, Fev. 1992, pp. 24-5).

(57) Deixo entretanto de lado os vols. II, III e IV da *Revista de História* (1979/80/81), que consubstanciaram as *Actas* do Colóquio "O Porto na Época Moderna" (Out. 79), por se tratar de matéria temporalmente circunscrita. Em contrapartida, incluo os vols. VIII e X (1988 e 1990), que incluem as comunicações apresentadas aos III e IV Encontros Luso-Soviéticos de Historiadores (Leninegrado, 1988 e Vila Nova de Gaia, 1990); razão: as temáticas abrangentes dessas reuniões: "Estado e Sociedades: conflito ou acordo?" e "Tradição e inovação", respectivamente.

(58) Relativamente à Arqueologia, o peso cabe agora à Pré-História (Vitor e Susana O. Jorge, João Pedro C. Ribeiro, M<sup>a</sup> de Jesus Sanches) e à Idade Média (Mário Barroca). Os estudiosos dos castros ou da romanização da Península (Armando Coelho F. Silva, Rui Centeno, Teresa Soeiro, Carlos A. Brochado de Almeida, António Baptista Lopes), para além de publicarem em Revistas locais ou regionais, dispõem também da actual série da *Portugália*, editada como órgão do Instituto de Arqueologia de FL/UP, com o apoio do Governo Civil do Porto. Deste subgrupo de arqueólogos, o único com alguma presença nas Revistas ora em análise é Carlos A. Brochado de Almeida.

dos Poderes, marcando o que poderemos considerar urna "marca de Escola", que já vimos prenunciada na Iª série da *Revista* da Faculdade, que na actual "geração decana" terá os seus expoentes num Luís de Oliveira Ramos e num Humberto Baquero Moreno, numa geração intermédia num Luís Alberto Adão da Fonseca, na subsequente num Francisco Ribeiro da Silva, num Armindo de Sousa e em mim próprio e na geração dos actuais *capelos benjamins* num Ivo Carneiro de Sousa ou num Luís Miguel Duarte, para já não falar nos autores de múltiplas teses de Mestrado em História Medieval e Moderna. No tocante a colaboradores, é natural o peso da "prata da Casa", mas sem que isso signifique falta de aberturas ao exterior: o exemplo quantitativamente mais marcante estará na vasta presença de historiadores da ex-U.R.S.S. nos volumes VIII e X da *Revista de História*.

Voltemos a Lisboa. A partir do final da década de 70 e por cerca de uma dezena de anos, a Faculdade de Letras editará a Revista *Clio*, identificada como órgão do Centro de História da mais antiga Universidade da Capital. Pela sua Direcção passaram nomes como Joaquim Barradas de Carvalho, Francisco de Sales Loureiro, Joel Serrão, João Medina e Victor Santos Gonçalves. Que nos diz a análise dos 6 números publicados (cf. *Anexas*, 5.)<sup>(59)</sup> ? Em termos de conteúdos, o peso acentuado da História Moderna e a presença mais discreta mas significativa da Arqueologia e da História Contemporânea afiguram-se naturais. Já o primado da *regionalidade* política poderá surpreender, numa Revista do Departamento de *História* ao tempo mais *à esquerda* em todo o País; de qualquer modo, repita-se, a Revista era órgão de um Centro do INIC e não de todo um Departamento. Uma palavra final para os colaboradores: as presenças são naturais, atendendo aos anos em que esta Revista se publicou; mas as ausências (ou quase ausências) também. No fundo, *Clio* representou na Faculdade de Letras da Capital um tempo *de passagem*, diverso tanto da fase de *Do Tempo e da História* ou da Iª série de *Portugaliae Historica*, como da actualidade.

Resta referir as outras novas Universidades surgidas nos anos 70, e onde a *História* se incluía entre os saberes professados. Évora,

<sup>(59)</sup> Deixo de lado a série *Clio/Arqueologia*, de mais tardio início e termo de publicação.

Minho e o Algarve não produziram até agora qualquer Revista especificamente histórica. Resta, por isso, referir os Açores. Nos anos 70, quando a instituição editante ainda se designava *Instituto Universitário das Açores*, começou a publicar-se uma série de *Ciências Humanas* da Revista *Arquipélago*<sup>(60)</sup>; a partir do seu vol. VII [1985]<sup>(61)</sup> a série passa a designar-se *História e Filosofia*, para a partir do vol. VIII [1986] se tornar exclusivamente *História*. E pois esta *a mais recente Revista universitária de História* (excluindo, obviamente, as publicações de algumas Universidades privadas). Escassos têm sido, no entanto, os números publicados: em 1989 saiu o vol. IX e já um *In Memoriam Maria Olímpia da Rocha Gil*, repartido por 2 tomos, consagrados respectivamente a "Estudos Gerais" e "Estudos Insulares". A escassez e a descontinuidade dos volumes publicados desaconselham naturalmente uma análise de conteúdos e colaboradores. Limito-me por isso a formular o voto de longa e profícua existência a esta publicação.

E tempo de fechar. Tendo em conta o nascimento e a evolução até hoje das Revistas universitárias de *História* do nosso País, creio poder formular as seguintes *Conclusões*:

1ª) Enquadrado o Ensino da *História* numa Universidade de limitada tradição investigativa no âmbito das *Ciências Humanas*, as Revistas da especialidade tardaram, naturalmente, a aparecer, pelo menos em condições de durabilidade mínima. Os condicionalismos da nossa Historiografia (escasso número de profissionais do Ofício, por exemplo)<sup>(62)</sup> e das nossas Escolas Superiores (o regime político vigente, sem dúvida; mas também os múltiplos 'vícios' ligados à incompletude da sua institucionalização) ajudarão a compreender esse atardamento.

2ª) Até meados dos anos 70, constitui a *Revista Portuguesa de História* a experiência mais duradoura. Mas *Do Tempo e da História* e as 1ªs séries da *Revista da Faculdade de Letras [UP] História* e de *Portugaliae Historica* mostraram também Ter pernas para andar'; a

<sup>(60)</sup> N° 1, Jan. 1979.

<sup>(61)</sup> jqo 2, Jan.-Jun. 1985; n° 2, Jul.-Dez. do mesmo ano.

<sup>(62)</sup> Cf. Armando Luís de Carvalho Homem, "Os historiadores, esses desconhecidos", *Revista Portuguesa História*, vol. XXIX, 1994, pp. 33-53.

morte relativamente prematura da Directora no primeiro caso, e as incidências universitárias da mudança de regime nos dois restantes explicam o termo ou a interrupção de tais publicações.

3ª) As alterações de cenário nos últimos 21 anos são múltiplas: o surgimento das Revistas de *História* de editor comercial<sup>(63)</sup>, a pujança de associações locais ou regionais ligadas a defesa do Património (com eventuais publicações próprias)<sup>(64)</sup>, ou, e no próprio meio universitário, a diversificação de experiências, com o surgimento de publicações estudantis ou de colaboração docentes/discentes (v.g. *História & Crítica* na FL/UL, *Clube da História* na U. Nova).

4ª) Relativamente às Revistas propriamente universitárias (e para além das publicações das próprias Universidades privadas)<sup>(65)</sup>, tem havido, como se viu, quer continuidades, quer novidades. No seio das publicações actuais, podemos entretanto distinguir as que se assumem como 'porta-voz' de uma Escola, de um Departamento, de um Instituto, regularmente dando conta da actividade científica dos seus membros, e as que optam por "dossiers" actualizados de problemáticas, naturalmente se alargando aqui o leque dos colaboradores.

5ª) Será necessário lembrar que a estagnação e o "envelhecimento" da população docente universitária se poderão traduzir negativamente, a prazo, nas publicações existentes? Face ao panorama actual da investigação e do Ensino Superior da *História*, a pergunta, natural a encerrar, pelo futuro das nossas Revistas não passa (que bom seria!), como na citada mesa-redonda de Montréal, por saber que incidências terão as Novas Tecnologias nas publicações historiográficas, ou quando chegará o momento em que a comunidade dos historiadores abandonará a *Galáxia de Gutenberg* no transmitir da informação científica. Passa antes por saber como vamos preservar o património de publicações que recebemos e que ao longo dos anos se revelaram viáveis; e talvez que uma abertura crescente (já não inédita) à colaboração de estudantes de Mestrado possa ser uma das saídas.

<sup>(63)</sup> Cf. a intervenção de António M. Hespanha na presente mesa-redonda.

<sup>(64)</sup> Cf. a intervenção de António Ventura na presente mesa-redonda.

<sup>(65)</sup> U. Livre/Porto: *Revista de História* (1 vol. publicado, \* 1984); U. Portucalense: *Revista de Ciências Históricas* (8 vols. publicados, 1986/93); U. Lusitana: *Lusitana*, 3 n.ºs publicados, 1989 ss.); U. Autónoma de Lisboa: *Anais/série História* (1 vol. publicado, 1994).

Saibam os profissionais de *Clio* aguentar os desencantos da conjuntura e aguardar que o novo milénio (quem sabe?) lhes traga tempos bem diversos destes até agora acinzentados e descoroçoantes anos 90.

Convento da Arrábida, 31 de Outubro de 1995

## Anexo

### (Conteúdos e colaboradores de algumas Revistas universitárias de *História*)

(*Obs* Apenas se contabilizam os artigos; excluem-se os textos "menores", v.g. Notas e Comentários, Recensões Críticas, Notícias, etc.)

1. *Revista de Estudos Históricos. Boletim do Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras do Porto*, 3 vols. (1924/26)

#### 1.1. Conteúdos

##### 1.1.1. Distribuição cronológico-temática dos artigos

- Arqueologia.....	6 títulos	(22.22%)
- História da Arte.....	1 títulos	(3.70%)
- História Medieval.....	6 títulos	(22.22%)
- História Moderna.....	9 títulos	(33.33%)
- História Contemporânea.....	1 título	(3.70%)
- Etnografia.....	2 títulos	(7.40%)
- História literária.....	1 título	(3.70%)
- Epigrafia.....	1 título	(3.70%)
Totais.....	27 títulos	(99.97%)

##### 1.1.2. Distribuição "regional" dos artigos de História Medieval, Moderna e Contemporânea

- História Institucional e Política.....	11 títulos	(68.75%)
- História Económica e Social*.....	3 títulos	(18.75%)
- História Cultural.....	2 títulos	(12.5%)
Totais.....	16 títulos	(100%)

\* Trata-se de 3 trabalhos de História monetária, da autoria de D. Peres.



## 1.2. *Colaboradores*

- Damião Peres.....	9	títulos
- Pedro Vitorino.....	5	títulos
- A. A. Mendes Correa.....	4	títulos
- A. Magalhães Basto.....	3	títulos
- J. Teixeira Rêgo.....	2	títulos

(Mais 4 autores c/ 1 título: Edgar Prestage, Paulo Meréa, Carlos Barros Basto e Ludovico Meneses)

## 2. *Do Tempo e da História, 5 vols. (1965/72)*

### 2.1. *Conteúdos*

#### 2.1.1. *Distribuição cronológico-temática dos artigos*

- Historia Medieval.....	21	títulos	(61.76 %)
- Historia Moderna.....	9	títulos	(26.47 %)
- Compósitos (sécs. XV e XVI).....	3	títulos	(8.82%)
- Historia Contemporânea.....	1	título	(2.94 %)
Totais.....	34	títulos	(99.99%)

#### 2.1.2. *Distribuição "regional" dos artigos de Historia Medieval Moderna e Contemporânea*

- Historia Económica e Social.....	20	títulos	(58.82%)
- Historia Institucional e Política.....	8	títulos	(23.52 %)
- Historia Cultural e das Mentalidades.....	5	títulos	(14.70%)
- Ciências "do documento", apresentação de fontes.....	1	título	(2.94 %)
Totais.....	34	títulos	(99.98 %)

### 2.2. *Colaboradores*

- Virgínia Rau.....	8	títulos*
- José Mattoso.....	4	títulos
- Iria Gonçalves.....	4	títulos <sup>*†</sup>
- M <sup>a</sup> José P. Ferro.....	3	títulos

- Eduardo Borges Nunes..... 3 títulos\*
- A. Teixeira da Mota..... 2 títulos
- M<sup>a</sup> José L. Trindade..... 2 títulos
- M<sup>a</sup> Olímpia R. Gil..... 2 títulos

(Mais 9 autores c/ 1 título: Teresa Cova, C. Trasselli, F. Mauro, Martim de Albuquerque\*\*, Manuel H. Corte-Real, M<sup>a</sup> Adelaide S. Marques, P. E. Russell, H. Kellenbenz e Isaías R. Pereira)

\* 1 dos quais em colaboração.

\*\* Em colaboração.

3. *Revista da Faculdade de Letras* [da UP]. *História*, 1<sup>a</sup> sér., 4 vols. (1970/74)

3.1. *Conteúdos*

3.1.1. *Distribuição cronológico-temática dos artigos*

- Arqueologia.....		(37.03%)
- História da Arte.....	2 títulos	(7.40%)
- História Medieval.....	4 títulos	(14.81%)
- História Moderna.....	9 títulos	(33.33%)
- História Contemporânea.....	2 títulos	(7.40%)
Totais.....		(99.97%)

3.1.2. *Distribuição "regional" dos artigos de História Medieval, Moderna e Contemporânea*

- História Cultural e das Mentalidades.....	7 títulos	(46.66%)
- História Institucional e Política.....	5 títulos	(33.33%)
- História Económica e Social.....	3 títulos	(20%)
Totais.....	15 títulos	(99.99%)

3.2. *Colaboradores*

- Carlos A. Ferreira de Almeida 10 títulos :
- António Cruz..... 4 títulos
- L. Oliveira Ramos..... 2 títulos

- Eugênio Santos..... 2 títulos \*
- Luis A. da Fonseca..... 2 títulos
- Aurélio Oliveira..... 2 títulos

\* Um dos quais em colaboração

(Mais 7 autores c/ 1 título: A. Barreira, A. Cardoso, Ana Paula Q. Sotto-Mayor, F. Fortunato Queirós, António M. Mourinho, Cândido Santos e Fernando Sousa).

4. *Revista de História* do Centro de História da UP, 12 vols. (1978/93) e 2ª sér. da *Revista da Faculdade de Letras* [da UP]. *História*, 11 vols. (1984/94).

#### 4.1. *Conteúdos*

##### 4.1.1. *Distribuição cronológico-temática dos artigos*

- Arqueologia.....	28 títulos	(9.79%)
- História da Arte.....	22 títulos	(7.69%)
- História Medieval.....	76 títulos	(26.57%)
- História Moderna.....	72 títulos	(25.17%)
- História Contemporânea.....	76 títulos	(26.57%)
- Compósitos (abarcando várias épocas) .....	2 títulos	(0.69%)
- Conceitos, fontes, métodos, historiografia, teorização.....	4 títulos	(1.39%)
- Ciências "do documento", apresentação de fontes.....	6 títulos	(2.09%)
Totais.....	286 títulos	(99.96%)

##### 4.1.2. *Distribuição 'regional' dos artigos de História Medieval, Moderna e Contemporânea*

- História Institucional e Política.....	87 títulos	(38.83%)
- História Económica e Social.....	72 títulos	(32.14%)
- História Cultural e das Mentalidades.....	65 títulos	(29.01%)
Totais.....	224 títulos	(99.98%)

#### 4.2. Colaboradores

- José Marques.....	20 títulos
- H. Baquero Moreno.....	19 títulos
- L. Oliveira Ramos.....	11 títulos
- F. Ribeiro da Silva.....	10 títulos
- Victor de Sá.....	10 títulos *
- Vítor O. Jorge.....	10 títulos **
- A. L. de Carvalho Homem.....	9 títulos
- J. Jaime F.-Alves.....	8 títulos *
- Jorge F. Alves.....	8 títulos *
- Aurélio Oliveira.....	7 títulos
- Natália M. F.-Alves.....	7 títulos *
- Susana O. Jorge.....	7 títulos **
- Luís M. Duarte.....	7 títulos **
- Henrique David.....	6 títulos **
- Eugénio Santos.....	5 títulos
- Fernando Sousa.....	5 títulos
- Mário Barroca.....	5 títulos
- M <sup>a</sup> José Moutinho Santos.....	5 títulos
- M <sup>a</sup> Antonieta Cruz.....	4 títulos
- M <sup>a</sup> Helena C. Coelho.....	4 títulos
- M <sup>a</sup> Conceição Meireles Pereira.....	4 títulos *
- Amândio Barros.....	4 títulos
- Carlos A. Ferreira de Almeida.....	3 títulos
- Armindo Sousa.....	3 títulos
- Elvira Mea.....	3 títulos
- Ivo C. Sousa.....	3 títulos
- Geraldo C. Dias.....	3 títulos
- M <sup>a</sup> Jesus Sanches.....	3 títulos
- J. Maia Marques.....	3 títulos
- Gaspar M. Pereira.....	3 títulos *
- M <sup>a</sup> Cristina Cunha.....	3 títulos *
- Elena M. Wolf.....	3 títulos ***
- C. Brochado de Almeida.....	3 títulos ***
- F. Fortunato Queirós.....	2 títulos
- João F. Marques.....	2 títulos
- Flávio Gonçalves.....	2 títulos
- R. Huylebrouck.....	2 títulos
- M. Manuela T. Ribeiro.....	2 títulos

- Luís R. Torgal.....	2 títulos
- José M. Amado Mendes.....	2 títulos
- Amélia Polónia da Silva.....	2 títulos
- J. Maciel M. Santos.....	2 títulos
- Paulo Drumond Braga.....	2 títulos
- M <sup>a</sup> Eugénia M. Fernandes.....	2 títulos
- Luís C. Amaral.....	2 títulos *
- M <sup>a</sup> Conceição Falcão Ferreira.....	2 títulos *
- Paula Guilhermina C. Fernandes.....	2 títulos *
- Teresa F. Rodrigues.....	2 títulos *
- Lúcia Rosas.....	2 títulos *
- João Pedro C. Ribeiro.....	2 títulos *
- 1.1. Tchelicheva.....	2 títulos****

(Mais 57 autores c/ 1 título; em 19 casos trata-se de trabalhos em colaboração)

\* 1 dos quais em colaboração

\*\* 3 dos quais em colaboração

\*\*\* 2 dos quais em colaboração

\*\*\*\* Em colaboração

5. *Chio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 6 vols. (1979/88)

### 5.1. *Conteúdos*

#### 5.1.1. *Distribuição cronológico-temática dos artigos*

- <u>Arqueologia.....</u>	9 títulos	(18.36%)
- <u>História da Arte.....</u>	2 títulos	(4.08 %)
- <u>História Medieval.....</u>	7 títulos	(14.28%)
- <u>História Moderna.....</u>	16 títulos	(32.65%)
- <u>História Contemporânea.....</u>	9 títulos	(18.36%)
- Conceitos, fontes, métodos, historiografia, teorização.....	3 títulos	(6.12%)
- Ciências "do documento", apresentação de fontes.....	2 títulos	(4.08%)
- <u>Geografia Histórica.....</u>	1 título	(2.04%)
<u>Totais.....</u>	49 títulos	(99.97%)

5.1.2. *Distribuição, "regional" dos artigos de História Medieval, Moderna e Contemporânea*

- História Institucional e Política.....	15 títulos	(46.87%)
- História Económica e Social.....	9 títulos	(28.12%)
- História Cultural e das Mentalidades.....	8 títulos	(25%)
Totais.....	32 títulos	(99.99%)

5.2. *Colaboradores*

- Victor S. Gonçalves.....	5 títulos***
- Ana M. Arruda.....	4 títulos***
- F. de Sales Loureiro.....	3 títulos
- João Medina.....	3 títulos *
- António Ravara.....	3 títulos
- Fernanda Maurício.....	3 títulos
- Luís Albuquerque.....	2 títulos
- Manuela Mendonça.....	2 títulos
- Arnaldo A. Pereira.....	2 títulos
- Manuel Maia.....	2 títulos
- Helena Catarino.....	2 títulos **

(Mais 26 autores c/ 1 título; em 5 casos trata-se de trabalhos em colaboração)

\* 1 dos quais em colaboração.

\*\* Em colaboração.

\*\*\* 3 dos quais em colaboração.

6. *Cultura: História e Filosofia, 7 vols., 1982/93*

6.1. *Conteúdos*

6.1.1. *Distribuição cronológico-temática dos artigos*

- História Medieval.....	4 títulos	(5.47%)
- História Moderna.....	29 títulos	(39.72%)
- História Contemporânea.....	36 títulos	(49.31%)

- Conceitos, fontes, métodos, historiografia, teorização.....	4 títulos	(5.47%)
Totais.....	73 títulos	(99.97%)

6.1.2. *Distribuição "regional" dos artigos de História Medieval Moderna e Contemporânea*

- História Cultural e das Mentalidades.....	57 títulos	(82.60 %)
- História Institucional e Política.....	9 títulos	(13.04%)
- História Económica e Social.....	3 títulos	(4.34%)
Totais.....	69 títulos	(99.98%)

6.2. *Colaboradores*

- José Esteves Pereira.....	5 títulos
- M <sup>a</sup> Ivone Ornelas Andrade.....	4 títulos
- Luís Filipe Barreto.....	3 títulos
- J. S. da Silva Dias.....	2 títulos
- João F. Almeida Policarpo.....	2 títulos
- M <sup>a</sup> José Ferro Tavares.....	2 títulos
- Fernando Catroga.....	2 títulos
- Manuel M. Carrilho.....	2 títulos
- V. Chacon.....	2 títulos
- M <sup>a</sup> Luisa Braga .....	2 títulos
- Diogo Pires Aurélio.....	2 títulos
- Rosa Esteves.....	2 títulos
- Ana M <sup>a</sup> Pina.....	2 títulos
- Fátima Nunes.....	2 títulos*

(Mais 51 autores c/ 1 título; num dos casos colaboração)

\* Um dos quais em colaboração.